6

Montagem de exposições

1. Interpretação

Concluído o planejamento, aprovado o projeto e disponibilizados os recursos, segue-se a montagem da exposição. Antes disso, é conveniente tecer algumas considerações de extrema utilidade.

Interpretação, em termos museológicos, significa "explicar um objeto e sua importância".

Quase todas as pessoas no mundo, quando estão diante de uma faca, sabem o que é aquele objeto e para que ele serve: para cortar. Mas, se mostrarmos a peça da figura ao lado, é provável que poucos saibam que se trata de uma arma de guerra usada pelos índios das tribos localizadas no norte de Roraima, empregada para furar os olhos do inimigo. Por essa razão, para que esse objeto seja entendido, será necessário "interpretá-lo" ou "explicá-lo".

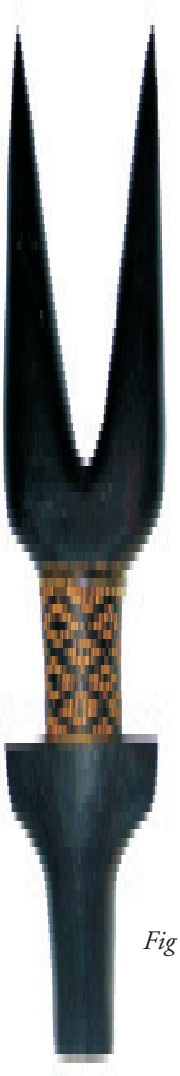


Fig 6-1

Os museus estão interpretando coisas o tempo todo. Sempre que uma peça é colocada em exposição ou simplesmente retirada de sua embalagem na reserva técnica e mostrada a um visitante, ela está sendo interpretada. Entretanto, essa interpretação pode ser feita de diferentes modos, alguns mais complicados e sofisticados do que outros. Vale a pena gastar um pouco de tempo

pensando sobre as diversas maneiras de interpretar os objetos das coleções e levantando quais as melhores técnicas para utilização com coisas diferentes para diferentes pessoas. A interpretação não deve apenas explicar o objeto e a sua importância mas, também, levar uma mensagem sobre o significado da sua conservação e o seu contexto.

A interpretação de um objeto é uma atividade pessoal, influenciada pela personalidade de quem a realiza, pelos seus interesses, convicções, crenças, conhecimentos e curiosidades. Entretanto, qualquer pessoa, ao fazê-la, deve considerar, entre outros, os seguintes aspectos:

– os objetivos dos visitantes do museu;

– o que se pretende com a interpretação; e

– as técnicas mais adequadas.

No que tange aos objetivos dos visitantes, de um modo geral, as pessoas procuram os museus para:

– preencher o tempo;

– proteger-se do mau tempo;

– procurar inspiração;

– saciar uma curiosidade ociosa;

– satisfazer a fome de conhecimento;

– educar crianças;

– estar na moda; e

– passar o tempo com a família e os amigos.

Ao realizar a interpretação de um objeto devemos considerar o seguinte:

– ela pode falhar, se não estiver sintonizada com o interesse do público;

– nem sempre é possível agradar a todos. Por isso, o museu precisa decidir qual é o seu público-alvo; e

– para o sucesso da interpretação, é preciso ter conhecimento do que se pretende com ela. Quanto mais precisa essa definição por parte do museu, melhor ela será.

Depois de definido o que dizer e para quem dizer, o museu deve decidir qual é a técnica a ser utilizada. Se expor é o melhor meio, as informações deste capítulo poderão ser de grande valia nessa tarefa.

2. Montagem de uma exposição

No capítulo anterior, abordamos os principais aspectos relativos ao planejamento de uma exposição e apresentamos os diversos recursos utilizados para a difusão das coleções aos visitantes e para contar as suas histórias, alguns deles simples, como os painéis, outros mais sofisticados como os dioramas, as maquetes e as ambientações. Agora, pretendemos fornecer informações de natureza técnica, que serão de extrema utilidade na montagem de uma exposição já planejada.

a. Arrumação dos objetos

A arrumação dos objetos nos painéis, nas vitrinas, nos pedestais e nas plataformas é tarefa muito importante, da qual pode depender o sucesso de uma exposição.

Antes de executar a montagem, é importante confeccionar um esboço da disposição dos objetos nas paredes, nos painéis e nas vitrinas, de preferência, de conformidade com uma escala aproximada.

As idéias apresentadas a seguir são sugestões que podem ser muito úteis e que devem ser complementadas pelo bom gosto e pela criatividade de quem estiver responsável por essa tarefa. Entretanto, sempre que possível, não deixe de contar com a assessoria de técnicos em cada área.

1) Quadros

Os quadros são, normalmente, afixados em paredes ou no interior de vitrinas.

Na exposição de quadros, gravuras, desenhos, gráficos etc., devemos levar em consideração os dados apresentados nas figuras 6-2 e 6-3.

A altura de colocação dos quadros é muito importante. Devemos evitar colocá-los muito alto, para que não venham a causar o que se costuma chamar "enxaqueca dos museus". A posição ideal é aquela em que o centro do quadro coincide exatamente com a altura dos olhos de uma pessoa de estatura mediana, isto é, aproximadamente a 1,60m do chão.

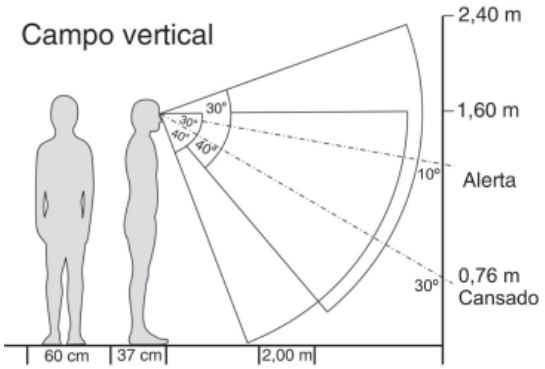


Fig 6-2 – Campo visual vertical de uma pessoa com 1,70m de altura.

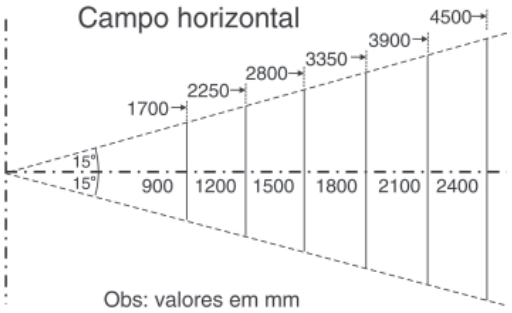


Fig 6-3 – Campo visual horizontal de uma pessoa com 1,70m de altura.

Fig 6-4 – Uma das formas de pendurar quadros.

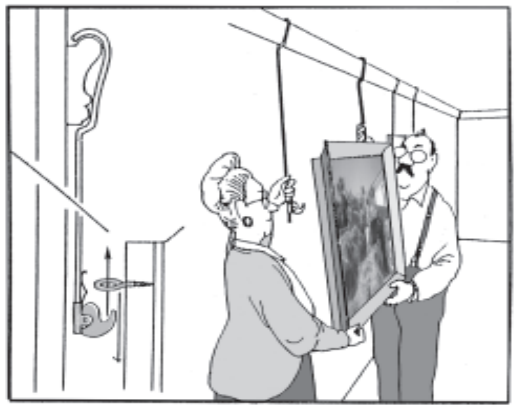


Fig 6-5 – Ganchos utilizados para pendurar quadros.

Os quadros devem ser alinhados na posição horizontal, em princípio pela base, mantendo-se entre eles uma distância mínima de 10cm.

Existem, basicamente, duas maneiras de expor quadros em paredes. A formal, balanceada, como mostra a figura 6-6, pode ser fácil e prática de realizar, mas é monótona e pode dar a entender que todas as obras são iguais. As figuras 6-7 e 6-8 mostram formas mais atraentes de expor. Entretanto, é importante lembrar que o olhar do ser humano é, normalmente, atraído para o centro, lugar esse que deverá ser ocupado pela obra mais importante, que, se pequena, deverá ser posta em realce por meio de iluminação especial. A etiqueta deve, em princípio, ser colocada do lado direito, alinhada pela base.

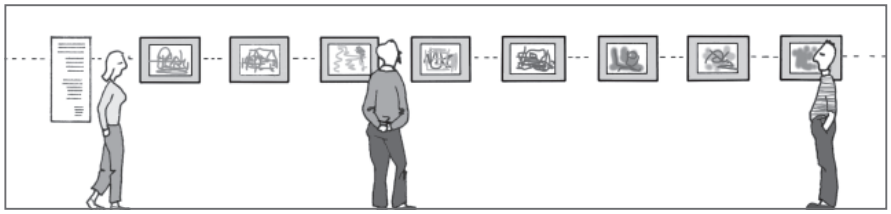


Fig 6-6 – Arrumação de quadros de forma regular.

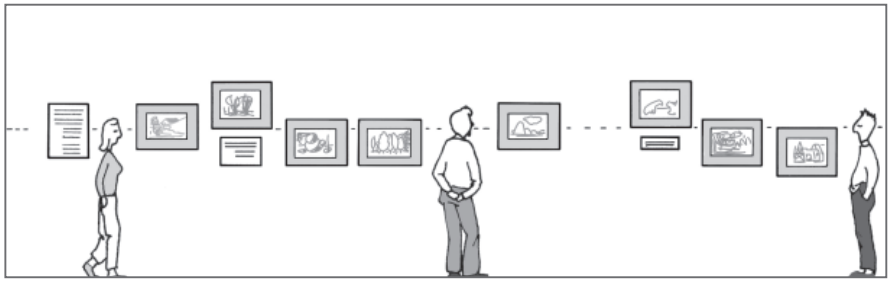


Fig 6-7 – Arrumação de quadros de forma irregular.

2) Fotografias, desenhos, mapas e gravuras

São válidas, em geral, para esses objetos, as mesmas considerações do item anterior.

As fotografias podem ser colocadas em painéis, vitrinas ou transformadas em painéis fotográficos. Quando em painéis e vitrinas, podem ser expostas com ou sem o auxílio de molduras, ou aplicadas sobre placas de

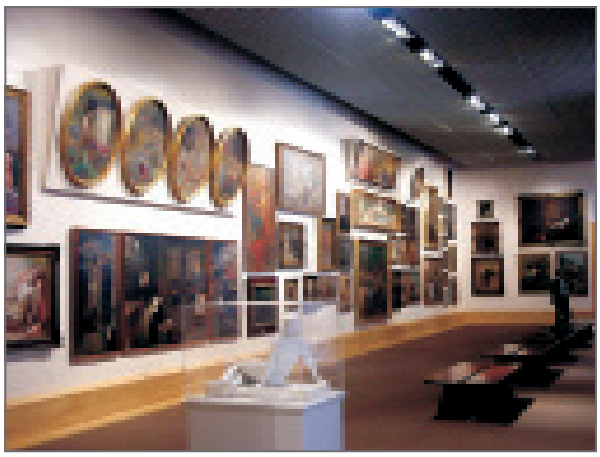
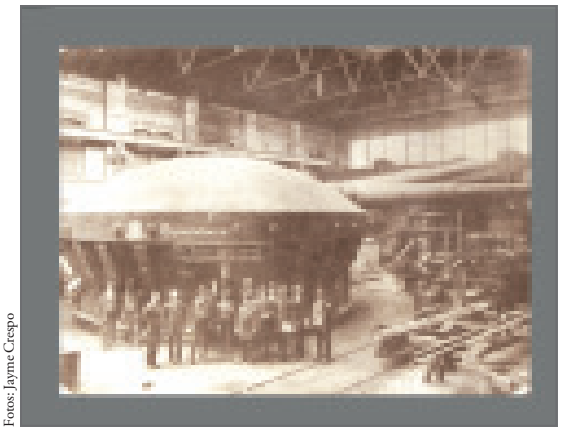


Fig 6-8 – Exemplo da arrumação de quadros de forma irregular. (Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

Fig 6-9 – Fotografia emoldurada, preparada para exposição num painel ou vitrina.



Fotos: Jayme Crespo

materiais especiais, que podem lhe proporcionar um maior realce, graças ao relevo formado.

3) Livros e documentos

Livros e documentos e, em alguns casos, papéis, desenhos, fotografias etc. serão de difícil visualização, se colocados no fundo de uma vitrina horizontal, conforme mostra a figura 6-10.

Os livros devem, em princípio, ser expostos abertos, sobre suportes especiais, como mostram as figuras 6-12, 6-13 e 6-14 e, preferencialmente, no interior de vitrinas horizontais com o fundo inclinado (Fig. 6-11).

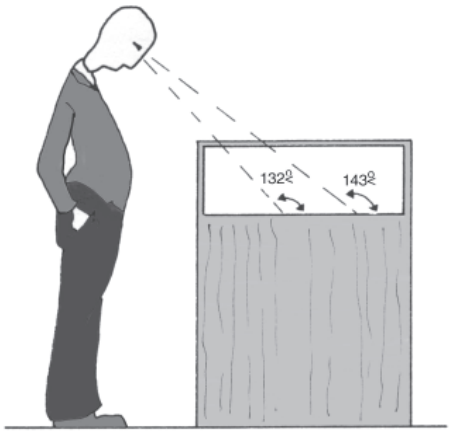


Fig 6-10

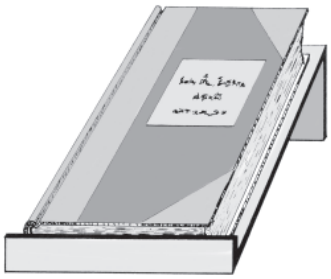


Fig 6-12

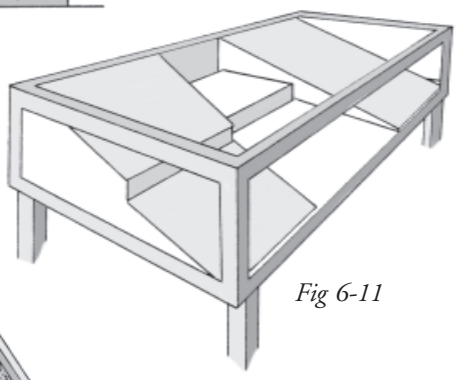


Fig 6-11

Fig 6-13

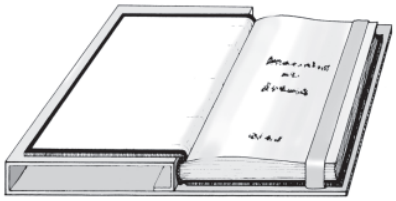


Fig 6-14

4) Moedas e medalhas

As moedas e as medalhas podem ser expostas isoladamente ou em conjunto com outros objetos. Quando isoladamente, elas podem ficar:

– em vitrinas horizontais, de forma semelhante aos livros;

– em vitrinas próprias para esse fim, como mostrado na figura 5-22 (página 104); e

– em vitrinas verticais.

No caso particular das medalhas, elas podem estar colocadas sobre os uniformes ou roupas, mostrando a forma como eram usadas pelos seus detentores.

5) Armas

Na exposição de armas, sejam elas de fogo ou de outra natureza, devemos levar em consideração diversos aspectos tais como o tamanho e o peso, a periculosidade que ainda oferecem, o seu valor monetário e o interesse que podem despertar para furtos ou roubos.

As armas de pequeno porte, particularmente as de fogo, devem, em princípio, ser expostas no interior de vitrinas seguramente fechadas, podendo alguns tipos de armas, conforme a sua natureza, ficar em painéis, desde que neles seguramente afixadas, de forma que não possam ser removidas com facilidade.

As armas de grande porte podem ficar expostas no interior dos salões ou em áreas externas, como mostram as figuras 6-15 e 6-16.

Fig 6-15 – Exemplo de uma arma de grande porte que, devido ao seu tamanho, tem de ficar exposta numa área externa em virtude da sua dimensão. (Museu Militar Conde de Linhares – Rio de Janeiro)

As armas de pequeno porte colocadas no interior de vitrinas poderão estar expostas sozinhas, conforme mostra a figura 6-17, ou combinadas com outros objetos. A primeira forma é mais do agrado de colecionadores do que do público em geral. Modernamente, busca-se associar o armamento com

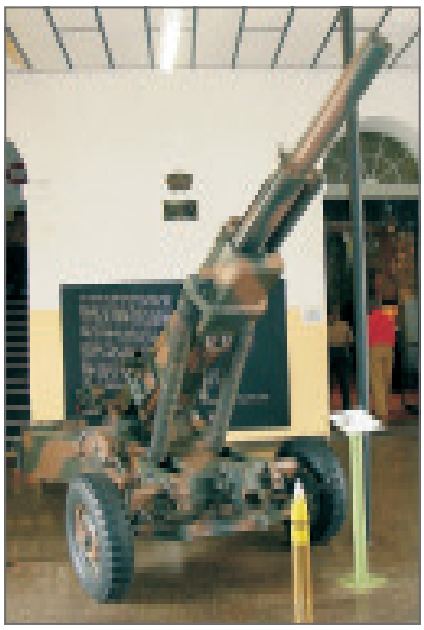


Fig 6-16 – Arma de grande porte exposta no interior de um salão. (Museu do Comando Militar do Sul – Porto Alegre)

Fig 6-17 – Exemplo de uma vitrina exclusivamente de armas. (Brombeek Museum – Holanda)

Fig 6-18 – Armas expostas conjuntamente com outros objetos. (Museu da Academia Militar de West Point – EUA)

fotografias, gravuras, uniformes e outros objetos, como se pode constatar na figura 6-18, tornando mais atraente a exposição das peças.

As armas portáteis, particularmente os fuzis, mosquetões etc., devem ser expostas com o seu lado direito voltado para o visitante, de forma que as par-

tes importantes do seu mecanismo de disparo possam ser melhor observadas. Sempre que for possível e sendo adotadas as medidas de segurança adequadas, é importante que o armamento seja exposto juntamente com os diferentes tipos de munição por ele utilizados.

A exposição de uma arma, seja ela de pequeno ou grande porte, ganha mais realce se forem exibidas, por diversos meios, imagens do seu emprego em operações militares, como mostra a figura 6-19.

As armas portáteis desativadas, mas ainda passíveis de utilização, devem ser expostas sem os mecanismos de disparo em vitrinas seguras. É importante que, junto a elas, seja colocada, de forma bem visível, uma etiqueta contendo essa informação, a fim de desestimular qualquer interesse pelo furto das mesmas.

As armas brancas devem ser expostas de forma semelhante às de fogo. Os sabres devem ficar junto aos fuzis.

Fig 6-19 – Canhão exposto juntamente com gravura na qual ele aparece sendo empregado em campanha. (Museu de Wellington, Waterloo – Bélgica)

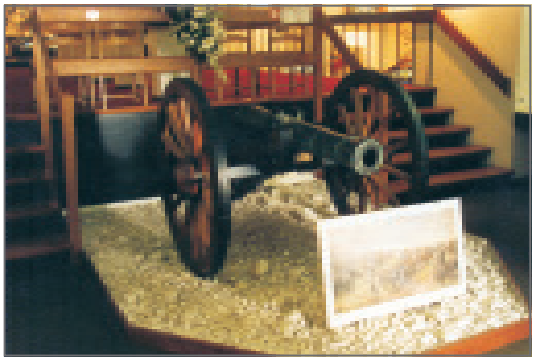


Fig 6-20 – Etiqueta colocada no interior da vitrina, informando a retirada do mecanismo de disparo das armas. (Museu de Polícia Militar de São Paulo – São Paulo)

Fig 6-21 – Armas expostas com o lado direito voltado para o visitante. (Museu da Academia Militar de West Point – EUA)

Fig 6-22 – Suporte de acrílico para a exposição de armamento. (Museu Histórico do Exército – Rio de Janeiro)

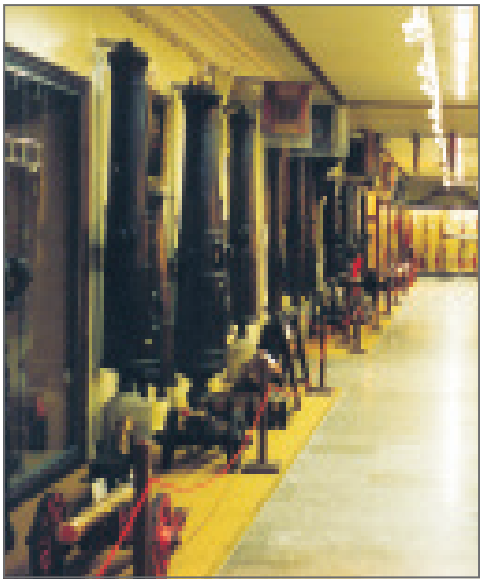


Fig 6-23 – Canhões expostos na vertical, presos na parede. (Museu do Exército, Madrid – Espanha)

6) Tecidos e roupas

Os tecidos, em virtude da sua adaptabilidade a todo tipo de montagem, permitem inúmeras formas de exposição.

Grandes peças lisas como, por exemplo, os tapetes, podem ser montadas em ripas de madeira ou de outro material, fixadas de forma semelhante

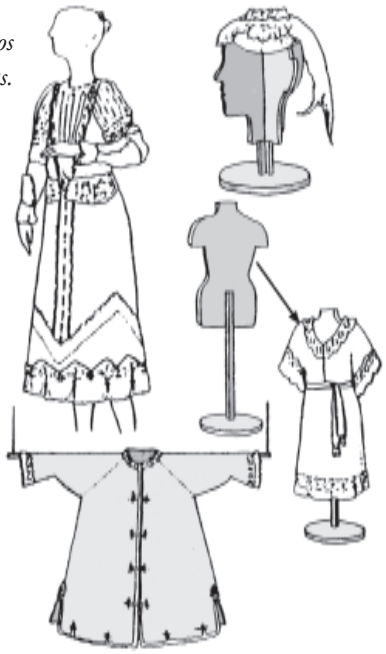
aos quadros ou suspensas a partir do teto. As roupas podem ser colocadas, de preferência, no interior de vitrinas, em manequins, cabides ou penduradas.

Os tecidos, colocados em painéis e vitrinas, *não devem* ser fixados nos suportes por meio de taxas, pregos ou grampos.

7) Selos

Os selos devem ser expostos conforme mostrado na figura 6-26. A etiqueta pode ser impressa diretamente sobre o material de suporte e deve conter informações essenciais como o autor da gravura, a técnica de impressão utilizada e a data da emissão.

Fig 6-24 – Diferentes tipos de recursos para a exposição de roupas.



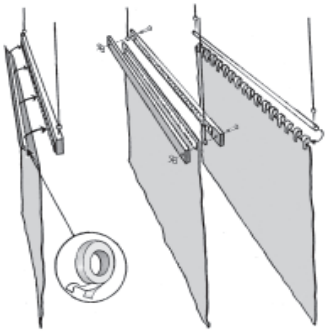


Fig 6-25 Exposição de tecidos com o auxílio de ripas de madeira.

Fig 6-26 – Uma das pranchas da exposição de selos comemorativa do Bicentenário de Caxias, organizada pelo Centro Cultural dos Correios – Rio de Janeiro.

Fig 6-27 – Utilização de manequins para exposição de uniformes.
(Museu do Exército, Estocolmo – Suécia)

b. Iluminação e cor

A luz e a cor são dois importantíssimos fatores na montagem de uma exposição e, quando usados com imaginação e criatividade, podem realçar os objetos nas vitrinas, nos painéis, nos pedestais e nas plataformas.

1) A cor

A escolha da cor começa com o tema e os objetos que serão usados para desenvolvê-lo. As paredes dos salões e dos corredores, o chão e o teto podem ser considerados como fundos para a apresentação e devem complementar, e não competir, com as peças em exposição.

As cores das paredes podem sugerir um ambiente natural ou um período arquitetônico. Elas podem ainda influenciar visualmente o tamanho e a forma de um ambiente. Paredes escuras tendem a "encolher" uma sala de grandes dimensões, enquanto paredes claras "ampliam" um pequeno ambiente.

Se, no teto de uma sala, passam instalações diversas (hidráulicas e elétricas, por exemplo), uma cor escura fará com que elas virtualmente desapareçam. Um teto pintado com cor clara dará a impressão de um pé direito maior.

A cor do interior das vitrinas e dos painéis deve ser escolhida de conformidade com os objetos expostos, como mostra a figura 6-28. Uma vitrina com fundo escuro fará com que os objetos claros pareçam maiores do que

Fig 6-28

realmente são, por força do contraste. Fundos claros fazem com que os objetos escuros pareçam menores. A escolha da cor, tanto para o ambiente como para vitrinas, painéis, pedestais e plataformas, não é uma tarefa fácil. Por essa razão, é recomendável a assessoria de profissionais especializados.

2) A iluminação

A iluminação é uma parte importante na montagem de uma exposição e tem por finalidade tornar as coisas visíveis por meio da criação de contrastes dentro do objeto ou entre o objeto e o fundo em que se encontra. Exerce

Fig 6-29 – Efeito da iluminação sobre os objetos.
(Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

um papel fundamental na valorização do acervo exposto e na criação de um ambiente ideal para a exposição e a circulação dos visitantes.

Ao planejarmos iluminação, devemos levar em consideração aspectos essenciais como a natureza, a qualidade e a intensidade da luz.

a) Natureza da luz

Quanto à natureza da luz, a iluminação pode ser natural ou artificial.

(1) Iluminação natural

Foi, durante muito tempo, a preferida pelos museus europeus, mas sempre em combinação com a luz artificial. Além de ser de custo inferior, permite que o visitante aprecie uma obra, particularmente uma pintura antiga, da mesma forma que o artista, ao executá-la.

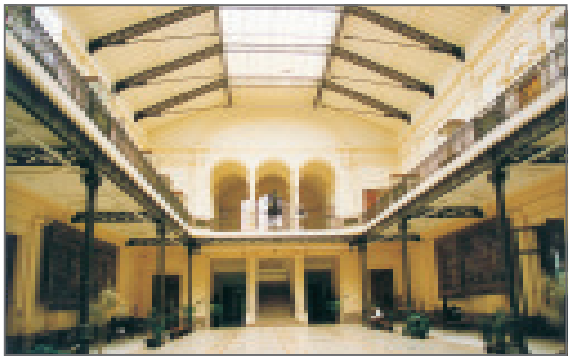


Fig 6-30 – Exemplo de iluminação natural zenital. (Museu Real de Arte e História de Bruxelas – Bélgica)

A iluminação natural pode ser lateral ou zenital. Na lateral, a luz penetra através das janelas e na zenital pelas clarabóias. A zenital projeta a luz para o solo e não para as paredes, aumentando o reflexo nas vitrinas. Esse inconveniente e as dificuldades para a limpeza das clarabóias vêm reduzindo a sua utilização pelos museus.

A iluminação natural está sendo abandonada, em função da quase impossibilidade do seu controle. Em dias ensolarados, ela é muito intensa, mas, em dias nublados, é bem reduzida. Hoje em dia, dá-se preferência a locais de exposição sem janelas, embora seja possível, por meio de artifícios

como a colocação de telas, a pintura de vidros, ou a instalação de filtros e persianas, reduzir a quantidade de luz vinda através delas.

(2) Iluminação artificial

A luz artificial é a ideal. Ela pode ser orientada, movida, intensificada ou reduzida conforme as nossas necessidades.

Ela pode ser obtida por meio de diferentes tipos de lâmpadas, sendo as principais as fluorescentes e as incandescentes.

As lâmpadas fluorescentes são econômicas e podem ser encontradas em cores frias e quentes. Proporcionam uma luz mais equilibrada, sem sombras, mas não permitem a orientação do foco. São ideais para a iluminação geral do ambiente ou próximo de superfícies lisas brancas que possam refletir a luz por trás do tubo. Seu maior inconveniente é a quantidade de radiação

Fig 6-31 – Num ambiente com objetos de grande porte, a luz fluorescente proporciona uma iluminação equilibrada. (Museu do Exército, Madrid – Espanha)

ultravioleta que emitem, extremamente danosa para alguns objetos, como já vimos em capítulo anterior.

As lâmpadas incandescentes, por outro lado, emitem pouca radiação, mas produzem muito calor e consomem mais energia que as fluorescentes, embora existam alguns tipos mais econômicos. A sua grande vantagem é a flexibilidade na utilização, permitindo o direcionamento e a realização de efeitos especiais.

A iluminação das vitrinas pode provir de fontes internas ou externas. Nas vitrinas verticais, a iluminação dos objetos é oriunda de caixas de luz,

como mostra a figura 6-18, página 130, ou de refletores colocados no seu interior, como se vê na figura 5-17, página 101. As fontes externas são normalmente colocadas no teto do salão.

As vitrinas podem ficar permanentemente iluminadas ou ter a sua iluminação acionada pelo visitante, por meio de interruptores ou de sensores especiais. Os painéis são, em geral, iluminados por meio de fontes fixadas no teto, no seu topo ou na base, conforme mostram as figuras 6-32 a 6-35.

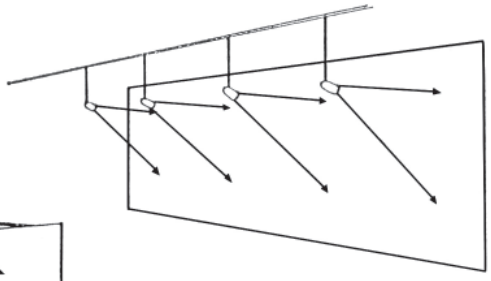


Fig 6-32 – Iluminação alta com refletores fixados no teto.

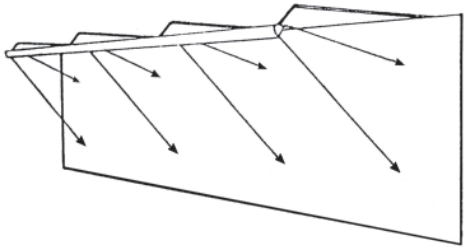


Fig 6-33 – Iluminação alta com refletores fixados no painel.

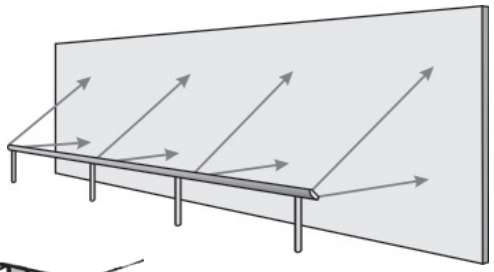


Fig 6-34 – Iluminação baixa fixada no chão.

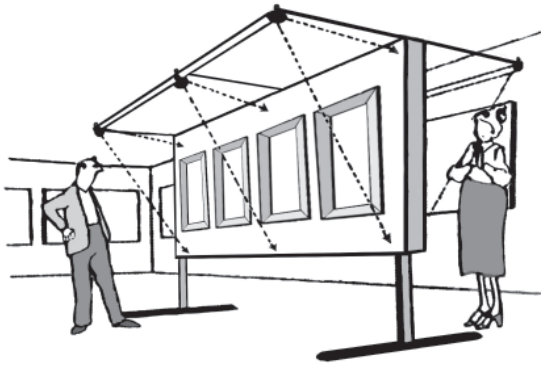


Fig 6-35 – Iluminação alta especial para quadros.

Fig 6-36 – Pedestal iluminado diretamente por refletor colocado no teto. (Museu Canadense da Civilização, Otawa – Canadá)

Fig 6-37 – Objetos num pedestal iluminado por luz natural. (Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

Os objetos colocados em pedestais ou plataformas são iluminados por meio de fontes dirigidas diretamente sobre eles ou aproveitando a iluminação geral do ambiente (figuras 6-36 e 6-37).

b) Quantidade e qualidade da luz

A quantidade de luz necessária e suficiente é medida em "lux" e a sua qualidade em "graus Kelvin".

c) Iluminação dos objetos

Para cada tipo de objeto existe uma iluminação recomendada. A seguir apresentamos algumas sugestões a respeito.

(1) Tapetes, carpetes e tecidos raros: pouca iluminação com filtro UV, para conservação dos objetos.

(2) Vidros e cristais: lâmpadas refletoras ressaltam as faces, que devem ser vistas contra um fundo escuro. Vidros translúcidos podem precisar de alguma luz frontal para mostrar a modelagem e a decoração. Vidros opacos

devem ser tratados como cerâmica, com luz forte frontal ou lateral, contra fundo neutro. Cuidado com os reflexos da iluminação nos vidros.

(3) Armas, armaduras e grandes objetos de metal: utilizar a iluminação geral do ambiente, suplementada por refletores, para ressaltar o brilho e as formas. Objetos de prata ou de aço destacam-se, quando expostos contra um fundo azul pálido ou cinza. Os de ouro, ao contrário, aparecem melhor contra fundos escuros, ricos e aveludados.

(4) Móveis: luz geral, normalmente, é suficiente para móveis expostos isoladamente ou em pequenos grupos. Se existirem tecidos combinados com o móvel, é importante afastar as lâmpadas incandescentes para que o calor não os alcance. Use lâmpadas fluorescentes com filtro UV.

d) Cuidados a tomar ao projetar e executar a iluminação

A boa iluminação é uma arte e uma ciência que merece ser entregue a especialistas. Como nem sempre é possível contar com eles, apresentamos algumas sugestões que poderão ser de grande utilidade:

– antes de projetar a iluminação, é preciso definir claramente a posição

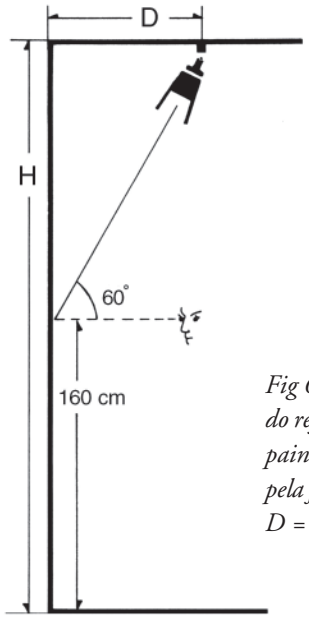


Fig 6-38 – A distância D, do refletor fixado no teto para o painel, é calculada pela fórmula (valores em cm): D = (H - 160) x 0,577

de cada elemento (vitrinas, painéis, pedestais e plataformas), levando sempre em consideração a posição do visitante em relação ao mesmo;

– prefira a iluminação artificial à natural;

– não se esqueça de que, além dos objetos, o ambiente também precisa de luz para o deslocamento dos visitantes;

– os diferentes tipos de lâmpada podem ser usados de forma combinada; e

– pequenas salas poderão aproveitar a luz das vitrinas para a iluminação geral do ambiente.

Lembre-se de que:

– deve haver dois tipos de iluminação: uma para a sala, de modo geral, e outra para os objetos expostos;

– lâmpadas fluorescentes por trás de tetos translúcidos distribuem a luz uniformemente, reduzindo as sombras;

– refletores colocados no teto podem destacar intensamente os objetos, mas não proporcionam iluminação geral;

– para obter o máximo proveito da iluminação, o foco de luz deve ser orientado para destacar os aspectos mais relevantes do objeto, sem exageros; e

– a distância da fonte de luz para os painéis é em função da altura e calculada conforme mostra a figura 6-38.

3. Textos informativos

Vimos, em capítulo anterior, que a exposição é uma forma de comunicação entre o especialista e o visitante. Essa comunicação, para ser eficiente, depende não apenas da qualidade dos objetos e da forma de expô-los, mas, principalmente, de informações escritas, colocadas na exposição ou fornecidas adicionalmente.

A informação escrita é uma indicação. Ela informa, explica e, algumas vezes, orienta. Não é nem deve ser um livro. Deve ser concisa e redigida numa linguagem simples, direta, descomplicada e despretensiosa. A parte mais importante do texto deve estar no começo, pois os leitores estarão de pé, e muitos não terão condições físicas para ficar assim por muito tempo. Se

for organizada e arrumada como as manchetes e as notícias de um jornal, será lida por muitas pessoas.

Podemos dividir os textos informativos em textos introdutórios, textos setoriais e etiquetas de objeto. Vejamos cada um deles e a sua utilização.

a. Textos introdutórios

São, na realidade, uma grande indicação, colocada normalmente num painel na entrada da exposição ou de um salão, informando ao visitante o que existe naquele local. Esse painel permitirá ao visitante que não esteja interessado nos objetos ou nos assuntos ali expostos dirigir-se para outra área. As letras utilizadas podem ser tridimensionais e devem ter pelo menos 10cm de altura.

b. Textos setoriais

São em geral colocados nas vitrinas e nos painéis com a finalidade de fornecer informações essenciais sobre o assunto e de atrair a atenção e o interesse do visitante por aquilo que está sendo exposto. Para isso, devem ser

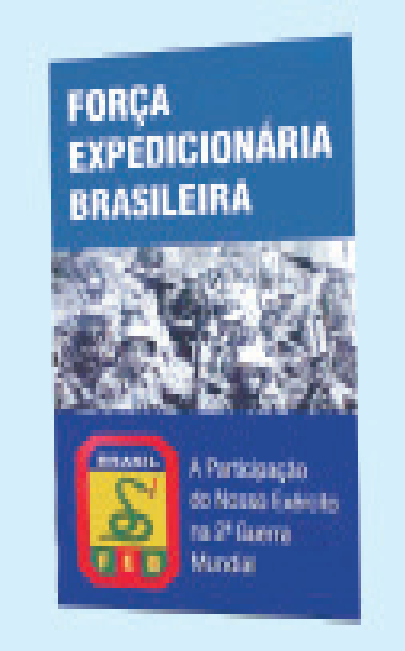


Fig 6-39 – Exemplo de texto introdutório colocado em painel na entrada da exposição. (Museu do Comando Militar do Sul, Porto Alegre – RS)

Fig 6-40 – Exemplo de texto setorial. (Museu do Comando Militar do Sul, Porto Alegre – RS)

curtos e objetivos, permitindo, em pouco tempo, uma idéia do conteúdo de um salão ou de uma vitrina.

c. Etiquetas de objeto

São utilizadas para identificar e fornecer informações complementares sobre os objetos expostos e a estória que está sendo contada.

Poderíamos ainda relacionar, entre os textos informativos, as etiquetas secundárias que, na verdade, trabalham como complemento aos textos setoriais, funcionando como as sublegendas de um jornal.

d. Elaboração e confecção dos textos

Na elaboração e confecção dos textos informativos, devemos observar os seguintes aspectos técnicos:

– a maioria dos adultos lê a uma velocidade média de 250 a 300 palavras por minuto, e o tempo médio de observação é de 30 a 45 segundos;

– os textos devem obedecer às seguintes dimensões:

TEXTOS INTRODUTÓRIOS	TEXTOS SETORIAIS	ETIQUETAS DE OBJETO
Máximo: 150 palavras	Máximo: 200 palavras	Máximo: 100 palavras
Ideal: 50 palavras	Ideal: 50 palavras	Ideal: 40 palavras

– a redação do texto deve ter sempre em mente o público-alvo. Textos adequados para museólogos, historiadores e militares podem não servir para os visitantes. O texto de fácil leitura é bom para qualquer nível de audiência. Não use jargões, abreviaturas ou termos militares;

– o comprimento de cada linha não deve ultrapassar 65 a 70 letras, considerando-se os espaços como letras;

– o uso de letras maiúsculas reduz o tempo de leitura em 15%;

– o tamanho das letras deve ser proporcional à distância em que o texto será lido. A regra é 200/1, isto é, a distância de leitura é igual a 200 vezes o tamanho da letra (uma letra de 1cm pode ser lida a até 2,00m de distância);

– a letra preta em fundo branco é a mais fácil de ser lida;

– o espaço entre as linhas deve ser igual à altura de uma letra maiúscula. Ele é contado da parte inferior da linha de cima até a parte superior da linha de baixo. Um espaço extra entre parágrafos ajudará o leitor a ler a informação;

– os textos devem ser escritos de forma a colocar primeiro a informação principal, depois a secundária e, por último, os detalhes;

– o papel da etiqueta deve estar de acordo com a cor da forração da vitrina ou do fundo do painel;

– as etiquetas de objeto e as secundárias podem ser confeccionadas com o auxílio de computadores, pois possuem vários tipos, tamanhos e cores de letras;

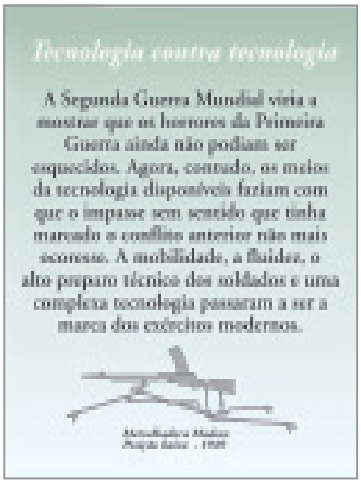

Tecnologia contra tecnologia
A Segunda Guerra Mundial viria a mostrar que os horrores da Primeira Guerra ainda não podiam ser superados. Agora, contudo, os meios da tecnologia disponíveis faziam com que o impasse sem sentido que tinha marcado o conflito anterior não mais ocorresse. A mobilidade, a fluidez, o alto preparo técnico dos soldados e uma completa tecnologia passaram a ser a marca dos exércitos modernos.

Fig 6-41 – Exemplo de um texto intermediário com cerca de 100 palavras.

– use, de preferência, o mesmo ou, no máximo, dois tipos de letra em toda a exposição;

– a distância de leitura varia normalmente de 80cm a 1,30m;

– os textos informativos, particularmente as etiquetas, não são elementos decorativos. É importante lembrar que o objetivo é serem lidos pelos visitantes. A melhor etiqueta é aquela que é tão bem escrita, arrumada e confeccionada que deixa o visitante quase sem perceber a técnica utilizada, concentrando-se no significado;

– os textos e os outros componentes da exposição devem trabalhar juntos, cada um dando a sua contribuição para o processo de comunicação;

– nos objetos pequenos, onde as etiquetas são maiores do que a peça, a etiquetagem pode ser uma tarefa complicada. Um meio prático de se resolver esse problema é separar a etiqueta do objeto a que se refere. Se a distância for muito grande, números-chave devem ser introduzidos, permitindo ao visitante localizar a etiqueta correspondente ao objeto (ver figura 6-44);

– o visitante deve ser capaz de ver, de uma só vez, tanto a etiqueta quanto o objeto. Quando isso não for estritamente possível, ela não deve, de forma alguma, ficar fora da vitrina ou do painel. Lembre-se de que é muito irritante ter de procurar pela etiqueta para encontrar a informação sobre o objeto ou ter de localizar o objeto quando já se tem a informação;

Lembre-se de que "uma etiqueta bem elaborada contém todas as informações que interessam aos visitantes, com um mínimo de palavras". Além dos textos informativos, a informação necessária ao visitante pode ser complementada por meio de folhetos adicionais, distribuídos gratuitamente nas salas de exposição ou vendidos na loja de *souvenirs*. Nos museus de maior porte, localizados próximo a áreas turísticas, a informação em outro idioma, particularmente o inglês e o espanhol, é um importante complemento.

As figuras 6-42 e 6-43 apresentam alguns modelos de etiqueta de objeto.

e. Posicionamento das etiquetas

As etiquetas devem, sempre que for possível, ser colocadas junto ao objeto, numa posição confortável para a leitura por parte do visitante. No caso

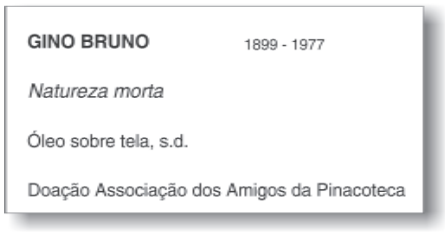


Fig 6-42 – Etiqueta para exposição de quadros. (Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

Fig 6-43 – Nesta etiqueta, a informação sobre o objeto é transmitida por meio de figuras plenamente compreensíveis. (Museu do Exército, Bruxelas – Bélgica)

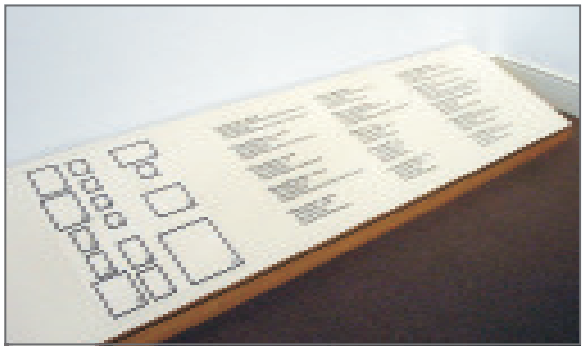


Fig 6-44 – Exemplo de etiqueta reunindo a informação sobre vários objetos. (Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

Fig 6-45 – Quando houver vários objetos na mesma vitrina, eles poderão ser numerados, e confeccionada uma única etiqueta comum. (Museu da Polícia Militar de São Paulo – São Paulo)

particular de quadros, fotografias e desenhos, eles devem ficar junto ao canto inferior direito. Quando tivermos vários quadros expostos, as etiquetas podem ser dispostas como mostra a figura 6-48.

É muito importante que a etiqueta não fique nem muito baixa nem muito alta, a fim de evitar que se tenha dificuldade para ler a informação nela contida.

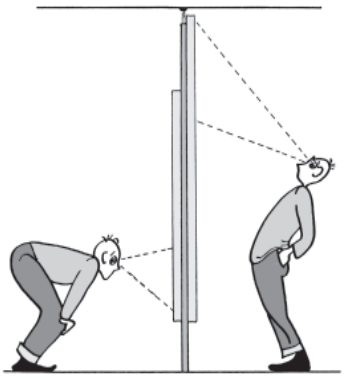


Fig 6-46 – A colocação da etiqueta muito alta ou muito baixa causa desconforto.

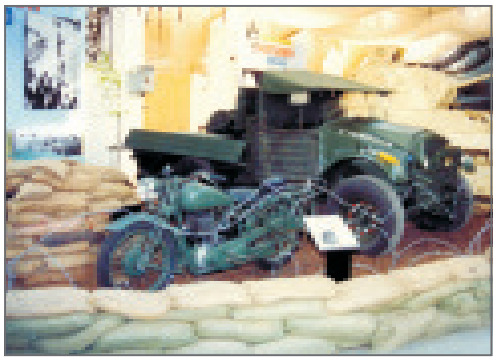


Fig 6-47 – Posicionamento da etiqueta num diorama. (Museu Militar de Duxford – Inglaterra)

Fig 6-48 – Posicionamento das etiquetas de vários quadros expostos verticalmente. (Pinacoteca de São Paulo – São Paulo)

Fig 6-49 – Três modelos de suporte para etiqueta, feitos com diferentes materiais.

f. Outros

Na montagem de uma exposição de material militar, é importante ter em mente que os visitantes, particularmente as crianças, não se conformam em apenas ver os objetos. Há sempre um grande interesse em tocar no material e, no caso de viaturas, conhecer o seu interior. Por essa razão, sempre que for possível, quando adotadas as medidas de segurança recomendadas, deve-se estudar a possibilidade do visitante poder sentir as peças expostas. No caso de viaturas blindadas, escadas ou rampas de acesso, semelhantes à apresentada na figura 6-49, podem ser disponibilizadas, a fim de facilitar a entrada e a saída das mesmas.

Em alguns museus na Europa, os visitantes têm acesso a réplicas dos objetos e oportunidade de ver pessoas demonstrando o emprego dos mesmos, particularmente de armas brancas. Outros recursos interessantes para utilização em museus militares, mas nem sempre disponíveis, são as armas desmontadas e os equipamentos seccionados. Eles permitem que o visitante tenha, por exem-

Fig 6-49 – Escada para facilitar o acesso do visitante ao interior de uma viatura blindada. (Memorial do Exército, Seul – Coréia do Sul)

Fig 6-50 – Réplica da viatura usada pelo Marechal Mascarenhas de Moraes na FEB. (Museu Militar Conde de Linhares – Rio de Janeiro)

Fig 6-51 – Viatura blindada seccionada. (Museu do Exército, Delft – Holanda)

Fig 6-52 – Arma inteiramente desmontada, mostrando todas as suas peças e mecanismos. (Museu Militar Conde de Linhares – Rio de Janeiro)

plo, uma idéia do interior de um fuzil ou de uma viatura, podendo, com isso, entender melhor como eles funcionam.

4. Materiais empregados

O anexo H apresenta uma relação dos principais artigos utilizados na montagem de uma exposição, e o anexo I relaciona as firmas onde eles podem ser encontrados.

Fig 6-53 – Alguns dos materiais usados na marcação de objetos museológicos.

5. Orientação

A circulação do visitante no interior do museu deve ser orientada por meio de uma sinalização eficiente, de forma a permitir que ele saiba sempre onde se encontra e para onde vai. Para isso, são utilizadas placas, mapas, números, sinais e outros recursos, que devem ser colocados em locais de fácil identificação. Por outro lado, a estrutura de uma exposição deve ser clara para o visitante, porque, se assim não for, é provável que ele venha a se perder no meio de vitrinas, painéis e outros recursos e, conseqüentemente, acabará indo embora. Em síntese, conforme circula pela exposição, ele precisa saber:

– onde se encontra;

– o que vem adiante; e

– para onde está indo.

Se, para a compreensão do tema, o visitante deve seguir um determinado itinerário, a sinalização interna e a disposição de painéis e vitrinas têm

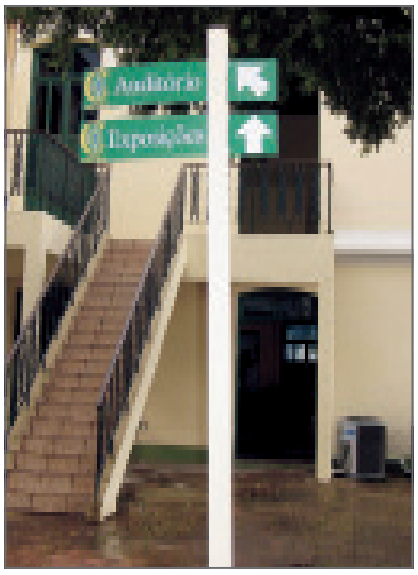


Fig 6-55 – Painel orientando a circulação do visitante na exposição. (Museu das Forças Armadas, Otawa – Canadá)

Fig 6-54 – Modelo de placa externa de sinalização para orientação dos visitantes. (Museu Militar Conde de Linhares – Rio de Janeiro)

um papel fundamental. A orientação é assunto de grande importância e deve ser desenvolvida paralelamente à montagem da exposição. Não deve ser deixada para o fim.

6. Manutenção da exposição

As exposições, tanto as permanentes como as temporárias, necessitam de constante manutenção, particularmente em relação aos objetos e aos meios utilizados para expô-los.

Sempre que possível, é desejável que essa atividade seja realizada fora dos horários de visitação e, de preferência, sem a necessidade de remoção do objeto para outro local, em função dos riscos envolvidos em qualquer deslocamento. Entretanto, quando for indispensável retirá-lo do local, deve-se colocar um aviso, informando as razões da ausência, ou substituí-lo por um simulacro, como mostra a figura 6-56.

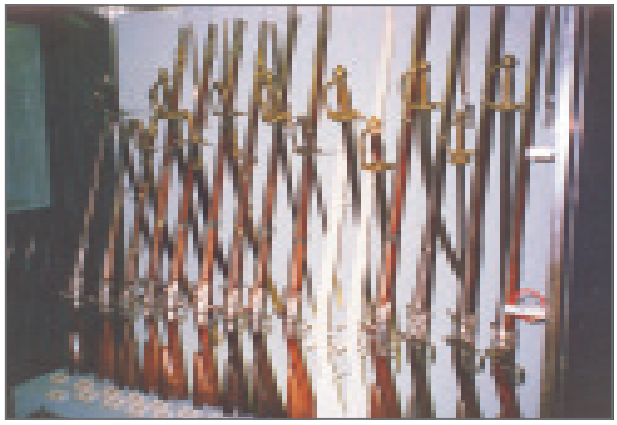


Fig 6-56 – Duas armas removidas para manutenção, substiutuídas por simulacro. (Museu do Exército – Invalides, Paris – França)